

O CONHECIDO, O DESCONHECIDO E O INCOGNOSCÍVEL ¹

| JULIO FROCHTENGARTEN ²

RESUMO

O autor trata da questão do analista que sustenta, em sua perspectiva clínica, a dimensão do desconhecido, o interesse por aquilo que não sabe. Esta abrange duas vertentes distintas e paradoxais: uma que o leva, através de laborioso processo, ao conhecimento; outra que o remete ao incognoscível, ao que não é acessível ao conhecimento. Propõe, como protótipo para o analista, o modelo do *flanêur* e a *flanêurie* – este andar desprovido de propósito, característico do observador moderno – para lidar com o paradoxo entre o que é possível conhecer quando se está imerso na experiência e a própria essência incognoscível da experiência: o que não se sabe e nunca se saberá.

Palavras-chave: Conhecimento. Desconhecimento. Incognoscibilidade. Método analítico. *Flânêur* como modelo.

ABSTRACT

The author addresses the issue of analysts who, in their clinical perspective, maintain the dimension of the unknown, the interest for that which they do not know. This encompasses two diverse and paradoxical aspects: one that, through a laborious process, leads to knowledge; another that refers them to the unknowable, to what is not accessible to knowledge. As a prototype for analysts, the author proposes the model of the *flâneur* and the *flânerie* – a wandering devoid of purpose, typical of the modern observer – to deal with this paradox between what one can know when one is immersed in experience, and the unknowable essence of experience, i.e., what one does not know and will never know.

Keywords: Knowledge. Unawareness. Unknowability. Analytical method. *Flâneur* as role model.

1 Artigo originalmente publicado em Calibán – Revista Latinoamericana de Psicanálise, v. 14, n.2, 2016.

2 Médico. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Coordenador de seminários clínicos e teóricos do Instituto de Psicanálise desde 1990, especialmente nos cursos de Freud e Bion.

Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
das coisas que eu nunca vi.

Oswald de Andrade

Avançamos devagar em nossos conhecimentos – esta é a sensação que se nos impõe de imediato quando olhamos de relance os nossos anos vividos. Mas uma reflexão ainda que rápida, uma espiada breve em um livro da história de qualquer ciência, logo relativiza esta noção e, então, percebemos alguns ganhos alcançados, pequenos aprendizados, mudanças na forma de ver as coisas do mundo. Nossas curtas existências frequentemente não nos permitem dimensionar nosso próprio avanço, seja em termos de conhecimento, capacidade criativa ou originalidade.

O conhecimento avança sempre à custa de romper limites que se impõem por já não darem conta das realidades que se apresentam. Psicanálise também tem se feito assim, na clínica e nas teorias.

A originalidade de Freud o levou a organizar suas próprias experiências e observações em conceitos que foram se articulando com tal vigor que acabaram por constituir a nova ciência, psicanálise. Os nomes, conceitos e teorias trazem algum repouso para o pensamento que se faz à custa de esforço e inventividade. Mas novas realidades vão se apresentando e instigando aqueles que ousam indagar a palavra estabelecida, avançando, então, por áreas do que não se sabe. Foram e são tantos estes autores que não é possível, nem preciso, mencioná-los aqui.

A distinção e a caracterização entre consciente e inconsciente sempre identificaram a psicanálise, e trouxeram enormes avanços para sua prática e, conseqüentemente, para a teoria psicanalítica. Preencher lacunas de memória, interpretar sentidos subjacentes, revelar marcas registradas na memória, historicamente marcaram e identificaram o trabalho analítico – e, pelo menos em parte, o fazem até hoje. Na clínica, esta abordagem permitiu expandir o consciente e estabelecer suas raízes nos elementos inconscientes.

Nas últimas décadas, a ampliação da noção de um domínio mental que se estende para além do consciente e do inconsciente reprimido, e das estruturas id-ego-superego, tem alargado – e continua a expandir – o campo de atuação possível no dia a dia do psicanalista. Essa ampliação transformou muito as possibilidades no trabalho clínico e a produção teórica resultante. Riqueza, criatividade e ideias novas são os ganhos que percebo com essas expansões. Apesar delas, continuamos a usar o mesmo termo “mente”, mas é apenas uma forma de nos referirmos a algo que desconhecemos. Qualquer que seja a concepção que tenhamos do que significa mente, é certo que sentimentos e outras formulações – ideias, imaginações, sonhos – ganham expressão a partir de algo incognoscível. Afinal,

A personalidade, ou mente, assim retratada psicanaliticamente em detalhe, é um fotograma recente de uma realidade existente há muito tempo, que tem significado apenas na medida em que uma anatomia arcaica possa tê-lo. A psicanálise poderia parecer um fenómeno efêmero que denuncia certas forças na superfície em que a raça humana bruxuleia, tremeluz e esmaece, em resposta a uma realidade não conhecida, porém gigantesca” (Bion, 1991, p. 122).

Nossos conceitos psicanalíticos são uma forma de organização do que se experimenta na clínica. Eles dão ordem e coerência à realidade psíquica, sentido e significado a ela; sedimentam o que se sabe e supõe a respeito da mente e se fazem acompanhar da sensação de coesão que nos permite lidar com o que vai surgindo no âmbito do conhecimento. A construção de algo consistente leva este conhecimento a se estabelecer, adensar, refinar, e assim se amplia. O alívio, a segurança e o êxito que o conhecimento traz podem nos levar a confundir-lo com o objeto ao qual ele alude; assim, pode perpetuar-se e morrer. Ficamos como o cachorro que, ao invés de olhar para a salsicha que seu dono aponta, fixa o olhar no próprio dedo que a indica.

Mas a realidade desconhecida – e tantas vezes incognoscível – está aí: há que se ter olhos para ver, ouvidos para ouvir, insaturação para intuir, receptividade para acolher. Temos registro de alguns psicanalistas que realmente foram pensadores originais; suas obras permanecem, difundem-se. A maioria de nós terá que desenvolver, se puder, esta capacidade em sua breve existência profissional. Ou, em cada 50 minutos, aceitar um mergulho no que não sabe.

Abandonar o que é conhecido, colocar-me receptivo ao que não sei, é fruto de um esforço contra o hábito e a compreensão. No dizer de Paul Valéry, em *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*: “Qualquer que seja ele, um pensamento que se fixe assume as características de uma hipnose e torna-se, na linguagem lógica, um ídolo; no domínio da construção poética e da arte, uma infrutífera monotonia” (1945/1998, p. 29). É o que pode acontecer com os pensamentos de Freud, Klein, Bion e, claro, com os nossos, que em algum momento passado foram vivos e expressos com paixão e singularidade. Nossa contínua formação como analistas clínicos deve envolver –através de análise pessoal e capacidade negativa (Bion, 1970/1973, p. 131)³ – disciplina para nos conduzirmos à semelhança do que Bion falou de seu próprio trabalho: “[...] o traço dominante de uma sessão é a personalidade desconhecida, e não o que o analisando ou o analista pensa que conhece” (1970/1973, p. 96).

Para os analistas já se propôs “atenção flutuante”, “cegar-se artificialmente” (Freud), “sem desejo, memória ou compreensão” (Bion). Por experimentar a riqueza e a variedade de relações que emanam quando concebo a existência de uma dimensão desconhecida, infinita e imprevisível da mente, escrevo para psicanalistas e para mim mesmo. Esta riqueza surge tanto por melhores aproximações quanto por contato com o desconhecido, trazendo mudanças na qualidade das experiências. Para os analisandos não há propostas – eles dependem dos psicanalistas que escolheram.

Concebo a realidade psíquica como caos desordenado e sem significado. O acesso a ela se faz através de conjunções constantes e fatos selecionados (Bion, 1962/1966, p. 22) que se formam em minha mente a cada momento das experiências vividas: formulações finitas formadas a partir dessa matéria bruta, a desconhecida mente primordial, “[...] o nascente mundo de profundas, escuras águas; arrebatado ao infinito vazio e sem forma” (Milton citado por Bion, 1965/2004, p. 176).

3 Expressão utilizada por Bion em *Atenção e interpretação* (2007, p. 131), inspirado numa carta de John Keats a seus irmãos, onde ele menciona a capacidade negativa, qual seja, a de “[...] um homem capaz de permanecer em meio a incertezas, mistérios e dúvidas, sem ter de alcançar nervosamente nenhum fato e razão”.

Elementos sem ligação, dispersos na experiência – equivalentes à posição esquizo-paranoide – podem então ser reunidos, por síntese criativa, em novas associações que dão coerência onde antes não havia. Estas podem ganhar significados que estarão impregnados tanto pelas teorias aprendidas como pelas análises pessoais. Tanto as formas organizadoras como os significados atribuídos certamente estão presentes em mim quando volto ao domínio da experiência vivida e me aproximo de novas experiências. O conhecimento surge progressivamente, pouco a pouco, através de conjunções constantes, mas pode desaparecer de forma súbita, até que algumas vezes aparece e persiste, manifesta-se de forma mais repetida e cristalizada.

Esta é uma dimensão da mente que passa a ser conhecida e convive com outras, conhecidas ou não. A interpenetração e a simultaneidade de consciente e inconsciente, do sonho na vida psíquica de vigília, assim como a presença de fantasias construídas na infância em todos os aspectos da vida atual, são marcas da simultaneidade entre diversas dimensões da mente.

Reconheço que, tendo adotado estas extensões – a noção de um inconsciente infinito e a dimensão multidimensional do funcionamento psíquico –, somos tomados por perturbação pela perda de conhecidas referências, tanto as próprias como as do grupo psicanalítico maior a que pertencemos. Isso remete à necessidade de explorarmos a qualidade do que é passível de ser observado em psicanálise. Compreender as manifestações psíquicas se dando a partir de algo próprio a cada um de nós e a cada experiência singular e entendê-las como manifestações nunca antes formuladas leva a interpretação, nosso instrumento por excelência, ao limite de seu alcance e possibilidade. Não só tornar o inconsciente em consciente, não só o “onde era id, será ego”, não só o atribuir de significados. Será preciso, então, desenvolver e caracterizar este outro instrumento para a atuação do analista na sessão: uma atitude que seja receptiva – ou até mesmo favoreça – e que possa fazer brotar na sessão, no trabalho a dois, o que ainda não se conhece e que “urge por existir”.

Essa atitude impregna o analista que se volta para aquilo que não sabe. É possível manter – ainda que seja num grau mínimo – essa atitude, estado de mente ou

disposição para receber aquilo que nos escapa, o que não tem nome? Em qualquer situação de vida, miríades de fatos se perdem, e só costumamos prestar atenção e considerar aqueles que cabem no nosso conhecimento e linguagem. Se tomarmos contato com o conjunto maior de elementos, se nos demoramos neles, superando a dificuldade de viver neste estado, algo antes desconhecido poderá surgir? Minha experiência diz que sim. E, muitas vezes, este antes-desconhecido passa a fazer sua morada em novas ideias, emoções, fantasias, sonhos, imaginações. Em certos momentos da análise até se delineiam pequenas teorias; ou melhor, modelos transitivos. Afinal, não é deles que as boas teorias nascem? O que nos habituamos a chamar *método psicanalítico* pode ser, em parte, o cultivo, a sistematização e a revelação desta atitude.

O interesse pelo que não sei é uma postura clínica do analista experiente. Ela demanda análise do analista que possa ajudá-lo na receptividade e submissão ao infinito da experiência. Por sua vez, as apreensões psíquicas que daí decorrem são bases para que possa prosseguir um trabalho com o analisando, mas não esgotam o que não se sabe: ao contrário, ampliam o desconhecido. Pois, no dizer de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, “... as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (Rosa, 2006, p. 23).

A caracterização de uma atitude receptiva para com o que não se sabe tem sido formulada mais pela negatividade do que pela revelação assertiva de suas qualidades. Bion (1970/1973) propôs que o analista precisaria trabalhar sem memória, sem desejo e sem compreensão. Em *Cogitações* (Bion, 2000, p. 271), ele faz uma interessante analogia, apoiado na demonstração de Heisenberg, entre a dificuldade do analista na situação clínica e a do físico quântico: os fatos observados por este dependem da relação com fatos que são desconhecidos, e que jamais poderão ser conhecidos. Com isso, as paredes limitadoras do laboratório são abolidas e, portanto, o próprio laboratório.

Proponho alguns elementos afirmativos na tentativa de caracterizar tal atitude na prática clínica: a) adoção de algumas poucas e amplas teorias psicanalíticas, a funcionar como um balizamento da experiência, tomando parte na receptividade e

submissão ao infinito. Não teorias a sustentar uma prática, mas sim a proporcionar alguns pressupostos, direções e vértices; a funcionar como mediações no contato com a dimensão desconhecida da experiência, a favorecer a evolução de sensações e emoções para pensamentos; e b) Linguagem de Êxito (Bion, 1970), na medida em que uma formulação certa pode evidenciar a imprevisibilidade e abrir para uma qualidade desconhecida da experiência, ampliando a disponibilidade para o contato com estados mentais nascentes. Como procurei desenvolver em trabalho recente (Frochtengarten, 2015), é a linguagem do analista que surge de imediato, acontece como surpresa, perplexidade ou espanto; momentos raros, não ativamente buscados e que não surgem por um gesto de vontade ou pelo valor do conhecimento que o analista tem da situação. É linguagem expressiva e contrasta com uma formulação descritiva-explicativa. Deste modo, aguça a atenção e promove ruptura no ritmo da sessão, com potencial de despertar reflexão, sobressalto e um enriquecimento insuspeitado da experiência imediata.

O analista encontra o analisando em pé na sala de espera. Cumprimentam-se com simpatia e, ao acomodar-se no divã, o analisando comenta que ao sair do trabalho estava com tanta fome que tomara um café, acompanhado de dois pães de queijo; e ainda arrematara com uma fatia de bolo. Agora estava desconfortável por tanta comida. Após três ou quatro minutos de silêncio o analista intervém, amistosamente e com tom brincalhão: ‘Vamos ver então se você tem alguma outra fome para a qual eu possa ter alimento’ (Frochtengarten, 2015).

Uma formulação assim pretende delimitar um campo para o encontro analítico, e o que vai transcorrer em termos emocionais e psíquicos a partir daqui é imprevisível para ambos. A linguagem certa evoca uma forma de vivência e imersão numa nova situação da qual não se sabe o que poderá surgir.

Proponho, como modelo para pensar a função analítica frente à mente multidimensional, o *flâneur* e a *flâneurie* – este andar desprovido de propósito, a fim de experimentar a cidade – como protótipo do que se pode chamar de observação na era moderna. A utilização e a teorização do termo vêm do poeta Baudelaire; foi depois utilizado por inúmeros pensadores econômicos, culturais, literários e históricos. Com isso, a ideia do *flâneur* tem acumulado importante

significado como uma referência para compreender fenômenos urbanos e a modernidade. Walter Benjamin, o filósofo da Modernidade, serve-se da ideia do *flanêur* e a identifica com o personagem de “O homem da multidão”, conto escrito por Edgar Allan Poe em 1840 no qual o personagem é tomado como o protótipo do herói moderno, o homem comum.

O episódio se passa na Londres do final do século XIX: o narrador é um homem que, sentado junto à janela do bar de um hotel, observa a multidão na rua, contemplando os transeuntes e sentindo um calmo, mas inquisitivo, interesse por tudo. Identifica o que supõe serem funcionários, jogadores, camelôs, inválidos, bêbados, batedores de carteiras e garotas de vida fácil, beldades e infelizes. Repentinamente, um rosto absorve toda a sua atenção, e o homem resolve segui-lo na multidão. Deixa o hotel e o segue pelas ruas, por horas e horas, desde o entardecer até o alvorecer do outro dia. Atento aos passos, movimentos, atitudes, procura depreender destes os sentimentos e as intenções que os movem para, ao final do conto, concluir, dizendo para si mesmo: “Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito ou a respeito dos seus atos... talvez seja uma das mercês de Deus que *‘er lässt sich nicht lesen’* – ele não se deixa ler” (Poe, 1999, p.189-190). Há certos segredos e mistérios que não se deixam ser revelados.

Na mesma linha, em “Flanando por Londres”, Virginia Woolf (1927) apresenta, em prosa lírica e imaginativa, um personagem que, sob o pretexto de ter que comprar um lápis, sai para caminhar prazerosamente numa tarde pela cidade. Depois de observar os mais diversos tipos, descritos ao longo de quinze páginas, afirma:

E que maior prazer e deslumbramento pode haver do que os de abandonar os caminhos retos da personalidade e tomar o desvio daquelas trilhas que levam em direção ao coração da floresta, para baixo dos espinheiros e dos grossos troncos de árvores onde vivem esses animais, selvagens os nossos camaradas? (p. 60)

Para quando ao final, ao voltar para casa, com o lápis recém-comprado no bolso, pensar no como

[...] é confortador nos sentirmos envolvidos pelas velhas posses, pelos velhos preconceitos; e sentirmos o eu – que foi jogado de um lado para o outro em tantas esquinas, que foi golpeado como uma mariposa na chama de tantas e inacessíveis luzes – abrigado e protegido. Aqui está, de novo, a porta de sempre; aqui, a cadeira virada como a deixamos e o vaso de porcelana e o círculo marrom no tapete. E aqui – não deixemos de examiná-lo com carinho, de tocá-lo com reverência – está o único butim que, dentre todos os tesouros da cidade, conseguimos resgatar: um lápis (p. 60).

Penso que este modelo atende melhor ao vértice psicanalítico, pois considera as dimensões incognoscíveis da mente. Ao analista cabe acompanhar e contribuir para o crescimento da vida imaginativa, sonhante, de fantasias e pensamentos do analisando. No modelo da investigação, o analista caminha perseguindo vestígios e, assim, está sustentado pelos conhecimentos já adquiridos, arriscando confirmar sempre o que já sabe. Já o *flâneur* tem, como fundamento radical, aquilo que não se sabe. Ele alude a um modo de apreensão e representação da vida privilegiado que permite nos aproximarmos da multiplicidade, do efêmero, da beleza do acidental, instantâneo e transitório.

Não há investigação ingênua: sempre uma teoria consciente ou inconsciente nos orienta a atenção e investigação; atribuímos sentido ao que não conhecemos a partir do que conhecemos. Nossa paráfrase edípica reza, “onde era ignorância, será conhecimento”. Mas talvez haja aqui um paradoxo ditado pela distância intransponível entre o que é possível conhecer, estando imersos na experiência, e a essência da experiência: o que não se sabe e nunca se saberá por ser incognoscível. Pode o modelo do flunar ingênuo – “sem memória, desejo ou compreensão” – nos aproximar, simultânea e paradoxalmente, destes dois modelos? Em ambos os contos temos um narrador que caminha e encontra-se com o inesperado – os tipos que identifica pelas ruas – tanto no sentido do desconhecido, o que não se sabe –, como no sentido do incognoscível – segredos e mistérios que não se deixam ser revelados.

REFERÊNCIAS

- Andrade, O. (1990). Três de maio. In: Andrade, O. *Obras completas de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora Globo.
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962.)
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1991). *Uma memória do futuro*. São Paulo: Martins Fontes; Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. São Paulo: Imago, 2000.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965.)
- Frochtengarten, J. (2015). *Nos limites da representação: comunhão, fruição estética e prazer autêntico*. Trabalho apresentado em mesa redonda, no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, outubro de 2015, São Paulo (SP).
- Poe, E. A. (1999). *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Tradução Oscar Mendes e Milton Amado. 3ª edição. São Paulo: Globo.
- Rosa, J. G. (2006). *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Valéry, P. (1998). *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1945.)
- Woolf, V. (2015). *O sol e o peixe, prosas poéticas*. Seleção e tradução Thomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 43-60.